

Prêmio e discurso pela ética

TALES FARIA

Enviado especial

NOVA YORK — Ao discursar, ontem de madrugada, como Estadista Mundial — prêmio que recebeu da Fundação americana de Apelo à Consciência — Fernando Henrique Cardoso cobrou o fortalecimento do “componente ético” nas relações entre os países. A cerimônia foi o ponto alto da visita do presidente a Nova York, durante os festejos do cinquentenário da ONU.

A fundação Appeal of Conscience conta com forte apoio da elite financeira dos EUA, cujos representantes participaram do banquete oferecido a Fernando Henrique para a entrega do prêmio. E o presidente conseguiu arrancar aplausos da platéia dizendo que não se pode aceitar o mercado “como único instrumento capaz de organizar as formas de alocação de riqueza”.

— Nasci num país marcado pela desigualdade social e sempre aceitei a idéia de que ela faz parte essencial dos valores que orientam a luta política. Acredito que sempre estaremos atrasados eticamente enquanto não usarmos todos os instrumentos possíveis para dar a cada indivíduo condições mínimas de dignidade, e isto significa condições efetivas de acesso à educa-

ção, à habitação, à saúde e à ética — afirmou.

A cerimônia foi vista pelos diplomatas brasileiros como uma espécie de ritual de aceitação do país pela comunidade financeira internacional depois que o Brasil iniciou o processo de abertura de sua economia e emitiu sinais claros de mudança na política externa. Ao contrário da chamada política terceiro-mundista, iniciada no fim da década de 70, Fernando Henrique fez questão de mostrar que o Brasil agora também procura aliados entre EUA, Inglaterra, Rússia, França e Israel, com cujos chefes de Estado manteve encontros separados durante os três dias em Nova York. Acabou tornando a passagem pela ONU um sucesso e fez do Brasil o favorito, entre os países do Terceiro Mundo, na disputa por uma vaga de membro efetivo do Conselho de Segurança da ONU.

O rabino Henri Sobel, presidente da Congregação Judaica de São Paulo, disse que o encontro entre Fernando Henrique e o primeiro-ministro de Israel, Yitzhak Rabin, antontem, foi um marco da mudança na política externa brasileira:

— Ele está deixando claro que o Brasil é um país identificado com os moderados. E isso causa grande simpatia no mundo.